

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 26 DE MAIO DE 1897
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 126

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO



Zincographia Laemmert & C.

— Vês, miseravel? E' meu! (Vide o texto.)

REDACTORES
Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE
G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
« A Semana ».....	V. MAGALHÃES
Um dia feliz.....	
Discurso de Alex. Dumas	
filho.....	
A Festa das lagrymas,	
poesia.....	M. SILVA.
Plágios e plagiários.....	V. MAGALHÃES.
Mais uma fita moita, so-	
neto.....	L. N.
Galeria de originaes—II.	U. DUARTE.
Notas bibliographicas.....	A.
A' Mme. Ladislau Netto.	
paesia.....	UNE AMIE.
Gazetilha medica.....	DR. SAHÉN.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
A Vida Alegre.....	PONSARDIN.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Festas, bailes e concertos	LRAGNON.
Theatros.....	P. TALMA.
Notas e Noticias.....	
Coerjo.....	ENRICO.
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

	CÔRTE
Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

No escriptorio d'esta folha comprase, a 500 réis, exemplares dos ns. 56, 57 e 64 d'A Semana.

Estão encadernadas e á disposiçãõ do publico, em nosso escriptorio, algumas collecções d'A Semana, do anno de 1886.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Eopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Swangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

A SEMANA

A nossa gravura de hoje, illustrando um pequeno conto, é o que bem se pode chamar uma surpresa. Não foi annunciada, ninguém a esperava. Devemos o desenho ao nosso distincto collaborador artistico Belmiro de Almeida, que, mais uma vez, revela as suas bellas qualidades de desenhador

delicado e original. Creemos quo ha de agrandar nos nossos leitores, pois o trabalho zineographico em nada prejudicou o desenho e honra as officinas da cnsn Laemmert & C.

No proximo numero hrrindaremos os Srs. assignantes com uma lindissima hrrincarola—*A sereia*, musica de D. Franciscon Gonzaga, a inspirada e original compositora hrrnzileira, e versos de Aluizio Azevedo, dignos da formosa musica que para elles compoz a talentoso auctora da celebre *Atrahente* e de outros verdadeiros mimos musicas.

E em o n. 128 continuaremos a *Galeria do Elogio Mutuo*—retrato de Alfredo de Souza, artigo biographico de Henrique de Magalhães.

Continuamos a empenhar como vêm os nossos assignantes e leitores, todos os esforços para corresponder á estima e ao benevolo apreço com que nos têm honrado.

Ha muito tempo não liamos uma poesia de tanto merecimento como a *Festa das lagrymas*, de Moraes Silva, que hoje enriquece as nossas columnas. E' uma composição de primeira ordem: pela correção artistica, pelo engenho da concepção, pelo sentimento profundo e singelo que regema de todos os versos e pelo alto espirito de philantropia que a inspirou.

Moraes Silva, que muitas vezes nos tem honrado com os seus versos, só com a *Festa das lagrymas* faria irrecusavel direito a figurar no elevado plano em que irradiam os nomes de Luiz Delino, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac. Quem escreve taes versos é poeta, e dos grandes.

Transcreveremos no proximo numero um novo artigo de Lucio de Mendonça, publicado ante-hontem no excellento *Diario Mercantil*, em treplica a Olavo Bilac na questãõ G. Dias e Castro Alves.

A REDACÇÃO.

UM DIA FELIZ

— Sim, minha querida, fujamos, vamos passar este dia bem longe, muito longe do zumbir d'esta immensa colmeia, longe das dores como das alegrias, das tristezas como das festas da grande cidade. Ella é para os jubilos d'este dia a mesma indifferente que tem sido para as minhas horas de fadiga e desanimo e para as nossas horas de immensa magua.

— Fujamos, sim, meu amor. Tu hoje és meu, somente meu. Todos os dias ella, essa rival que odeio, absorve-te de manhã á noite. Vives nella e com ella a maior e a melhor parte da tua vida. Ah! quantos dias não tem passado de que me não dás senão alguns momentos breves. E esses mesmos nem sempre m'os dedicas; esses mesmos são para pensar nella.

— Ciumenta!
— Ciumenta, sim. Quizera-te meu, só meu e dos nossos filhos. Tenho-lhe ciúmes, tenho-lhe odio porque ella é grande, é enorme, é poderosa, tem todos os encantos, todas as attracções, todos os abysmos da tentação; porque é nula,

tem milhares de faces, de olhos, de vozes e de braços. Como não hei de tomar semelhante rival, pobre de mim que só tenho esta voz, que apenas sabe dizer: « Adoro-to! », mas que os teus ouvidos já estão cansados de ouvir...
— Maria!

— ... que só tenho estes olhos, que só a tua imagem reflectem, que sorriem para os teus, quando os vêm sorrindo, e que choram quando paira no céu dos teus a nuvem de uma tristoza, ou so vae formando a chuva das lagrymas; pobre de mim, que só tenho estes dois pobres braços que apenas sabem ser debeis para te abraçar, crispados de paixão, mas que seriam mais robustos que os de Judith, se por ventura a desgraça inutilisasse os teus, e fosse preciso que o pão do nosso lar fosse cavado com o trabalho dos meus...
— Querida da minha alma!...
— Oh! como não hei de arrealar-me d'essa rival, eu que sou pobre, fraca, pequena, humilde, sem outra riqueza, sem outra força, sem outra belleza, sem outro encanto, sem outra grandeza mais do que o meu amor?!...
— Mas, louquinha, és só a ti que eu amo, que eu quero, que eu admiro. Quando estou com ella, não é nella que eu penso: é em ti.

— Mentis! Sei que mentes porque me amas; mas isso não é verdade. Por ventura quando estás em meio do bulicio e da agitação de que ella te cerca, quando te emmaranbas na teia monstruosa d'essa aranha maldicta, quando te prendem os fios, entrecruzados e innumerados, dos seus prazeres, das suas ambições, das suas baizezas, dos seus encantos, dos seus interesses; quando ella te atordoa com os seus cantos de sereia, com a grita das suas paixões, com a musica do seu dinheiro; quando ella te deslumbra com a belleza das suas mulheres de todas as classes, com todas as seducções—as mais delicadas como as das torpes—com as festas, os theatros, os estofos caros, as joias scintillantes, com todas as opulencias e todos os prazeres, enfim; quando ella te entretém, te prende, te distrae com as confidencias dos amigos, com a narração dos escandalos, com o ciciar dos boatos, com o tracto dos negocios, com as palestras sobre arte ou letras—pensas tu, porventura, então, na tua mulher, na tua pobre mulherzinha que aqui fica, trabalhando, tambem, no arranjo e no governo da nossa casa, do nosso reinosinho, e que desde que te vaes pela manhã só tem um pensamento: esperar-te; e que se dá por hem paga dos fastios da espéra com o prazer divino de ouvir, á tarde, os teus passos na escada; pensas tu em mim, porventura?

— Sim, penso...
— Ah! não mintas mais! E fujamos. Tu hoje és meu. Ah! ella tem muito tempo para gosar da tua companhia! E' hoje um dos poucos dias em que o triumpho é meu. Vamos!

Vista lá de cima, do alto do Corcovado, a capital, a detestada e poderosa rival de Maria, é pequen e humilde. Os quarteirões lembravam *esses* desenhos com que brincam as crianças, com a symetria do ninhamento e divisão das casas, a disposição das torres, das e das pequeninas arvores; os lagos pareciam de maincheta e o mar, parado; luzente, manchado de pequenas sombras de nuvios immoveis, parecia de folha de Flandres. Nas ruasitas, multilá em baixo, caminhavam rectiligneamente umas como formigas: —eram os bonds.
Tinham acabado o *lunch*, de uma frugalidade deliciosa, entresachado de beijos e de risos: — o arrulbar de dois corações amantes.
Os olhos de Maria brilhavam humidos, com estranho fulgor,—mixto de dogura e altivez; e o óom o dedo alvo, estendido o braço e a voz ironica, ia apontando os bairros, as ruas, os edificios, mas sempre com esta observação sarcastica, como um estribilho de mofa:
— Como é pequenina!
De repente, enlaçou fortemente o marido pelo pescoço, com um braço deu-lhe um ruidoso beijo na bocca, depois, estendendo o outro braço, e gritou á cidade, á poderosa rival—tãõ pequenina! — gritou com um brado intraluzivel de triumpho:
— Vês, miseravel? E' meu!

16 de Janeiro 1887.

VALENTIM MAGALHÃES.

Discurso de Alexandre Dumas

EM RESPOSTA AO DE LECONTE DE LISLE, NA ACADEMIA FRANCEZA

(Continuação)

Sob o influxo do Deus de Moysés e de Jesus, a poesia inspiroa a *Divina Comedia* ao Dante, a *Messide* a Kluytack, *Polyeucto* a Corneille, *Athalia* a Racine, o *Paraiso Perdido* a Milton, o *Fausto* a Goethe; de modo que, quando chegastes á França, inebuido da poesia oriental e da grega, a cuja fonte nos quereis revocar, vos encontrastes em frente de poetas christãos, ultimo reflexo d'aquillo a que chamamos a religiosidade facticia e sensual de Cbatéã briand.

Lamartine, Hugo, Musset eram entre nós os cantores d'essa poesia espiritualista.

Lamartine dizia:

*O Père qu'adore mon père,
Toi qu'on ne nomme qu'à genoux;
Toi dont le nom terrible et doux
Fait courber le front de ma mère;*

*On dit que ce brillant soleil
N'est qu'un jouet de ta puissance,
Que sous les pieds il se balance
Comme une lampe de vermeil,*

*On dit que c'est toi qui fais naître
Les petits oiseaux dans les champs,
Et qui donne aux petits enfants
Une âme aussi pour te connaître,*

Victor Hugo dizia á filha: *Ma fille, va prier*, e quando, quinze annos depois, a morte lhe roubava sua filha, exclamava:

*Maintenant! o mon Dieu, que j'ai ce calme sombre
De pouvoir désormais
Voir de mes yeux la pierre où je sais que dans l'ombre
Elle dort pour jamais,*

*Maintenant, qu'attendra par ces divins spectacles,
Plaines, forêts, rochers, vallons, fleuve argenté;
Foyant ma petitesse et voyant vos miracles,
Je reprends ma raison devant l'immensité;*

Je viens à vous, seigneur, Père ou quel il faut croire;
Je vous prie, apaisé,
Les morceaux de ce cœur, tout plein de votre gloire,
Que vous avez brisé.

Finalmente, Musset, a quem alguns,
que por ventura o não teriam bastante,
expressam que não tinha cantado em
toda a sua vida — sendo a canção do Cherubim
a malinha, que elle aliás caotava: admiravelmente,
Musset exclamava, depois de responder, sem réplica
possivel, a todas as philosophias passadas,
presentes e futuras:

Levez, rhéteurs! ains, maîtres de la science,
Chrétiens du temps passé et rétroars d'aujourd'hui:
Croyez-moi, la prière est un cri d'espérance!
Pour que Dieu nous réponde, adressons-nous à lui.
Il est juste, il est bon: sans doute il vous pardonne.
Tous vous avez souffert; le reste est oublié!
Si le ciel est disert, nous n'offensons personne;
Si quelque'un nous entend, qu'il nous renne en pitié!

Viva Deus! é o que se deve aqui
exclamar; ahí estão bellos versos,
senhor; nem conheço outros mais bellos
em nossa lingua, posto que conheça
muitos versos. Se puderdes ao lado das
três peças que meabo de citar — Lago
de Lamartine, a Tristeza de Olympio, de
Victor Hugo, a Recordação, ou qualquer
das Noites, a que quizerdes, de Musset,
tereis, com os côros de Athalia, de Esther
e de Polyxene, com a admiravel traducção
em verso da Imitação por Corneille,
terois, digo, aproximadamente
a ultima palavra do nossas poetas de
amor terrestre e divino. Isso é que
vindes combater; é o que quereis derri-
bar. Tentativa como qualquer outra.
Tudo é permitido quando ha um fim lo
de sinceridade, tanto mais quanto é
certo que o mesmo que aconselhaes aos
poetas novos que façam, vos proprio o
encetastes, resolutamente, pacientemente.
Immolastes em vos a emoção
pessoal, encestes a paixão, amiqui-
lastes a sensação, abafastes o senti-
mento. Quizerdes que, em vossa obra,
tudo quanto é luminoso vos ficasse
alheio. Impassivel, brilhante e inalteravel
como o antigo espelho de prata
polido, vistas passar, e reflectistes oxaca-
tamente, as mudanças, os factos, as
cidades, as consis exteriores.

Não quereis que o poeta nos entre-
tenha com as cousas da alma, dema-
siado intimas e demasiado vulgares.
Nada mais de enoção, nem de ideal;
nada mais de sentimento, nem de fé;
nada mais de pulsão do coração, nem
de lagrymas. Tornastes o céu deserto e a
terra nua. Quereis restituir a vida
à poesia, e d'ella tiraes o que é a
propria vida do Universo, — o amor, o
eterno amor. Bastam-vos a natureza
material, a sciencia, a philosophia.
Decerto que o firmamento, o sol, a lua,
as estrellas, os oceanos, as florestas, o
divinidade, os monstros, os animaes são
interessantes; mas interessante tam-
bem sou eu, o homem. O meu eu que
vive, que ama, que pensa, que sofre,
que espera a ponto de crer no que natu-
ra provi, este eu, não trajo, concedo,
mas andrjo que me é querido, tem
tanto direito como o restante do Uni-
verso à expressão do seu amor, do seu
peder, da sua esperança, da sua fé,
do seu sonho. Se perdoes aos poetas, se
lies peço até, que me falem de si, é
porque ao falarem-me de si, se falam
bem, falam-me de mim.

Discussões, raciocínios, theorias, es-
thetica, tudo isso é e será baldado. Só
pertencemos ao que nos commove. A
alma humana assemelha-se à Ignez de
Molière. A todos os argumentos d'es-
chola responde o que a ioncente pu-
lippa de Arnolpho responde no velho
tutor, quando este se quer toroar amado
della:

Tenez, tous vos discours me troublent point l'âme;
Horace, avec deux mots, en ferait plus que vous-

(*) Esta mesmíssima idéis acerca da poesia
intima achase expressa e desenvolvida por
Victor Hugo, no prefacio das Contemplações,
nestes termos:

« E' então isto a vida d'um homem? E',
sim, e é tambem a vida dos outros homens.
Nenhum de nós tem a honra de possuir uma
vida exclusivamente sua. A minha vida é a
vossa, a vossa vida é a minha, viveis o que
eu vivo; o destino é um só. Tmme, pois, este
espelho, e contemplae-vos nelle. Queixam-se
às vazes dos escriptores que dizem eu.
Falae-vos de nós, bradarmilhes. Ah! quando
vos falo de mim, falo-vos de vos. Como não
o comprehendéis? Ah! insensato, que julgas
que eu não sou tu! »

Nota do traductor.

Essas duas palavras que a humani-
dade, como Ignez, quer sempre ouvir,
e que hão de arrastar e convencer, são
exactamente as que vós excluis da poesia.
E que compensação lhe ofereceis
em troca? Apos cincoenta annos de
erudição, de meditação, de iniciação
nas tradições de todos os tempos, qual
a philosophia de vossa trilogia d'Orla,
a polêmica dos Poemas Antigos, Poemas
Barbaros e Poemas Tragicos? São as duas
grandes imprecacões de Caím e de Ba-
glavat, cuja conclusão é o nada do
mundo, e cujo fim é a morte.

Et toi, divine Mort, où tout rentre et s'efface,
Accueille tes enfants dans ton sein étoilé;
Affranchis nous du temps, du nombre et de l'espace;
Et rends-nous le repos que la vie a troublé.

Ahi está o que nos trazreis para rege-
nerar-nos, depois dos tres mil annos de
barbaria intellectual que atravessá-
mos, segun lo a vossa opinião, desde
Homero, Eschylo e Sophocles.

Eis a educação que os adeptos da
poesia, tal qual a concebeis, dariam ás
gerações novas, ao retomarem a direc-
ção das almas: o vácuo do ser, a apo-
logia da morte. E' a mesma conclusão
do Ecclesiastes, hi mais de dous mil
annos, e a de Schopenhauer em nossos
dias. Não quereis culir, em que deis
por tal, nas revoltas e blasphemias de
Lara, nas tristezas de Renato, nas mel-
ancholias de Obermann? Felizmente
— deixae-me dizer-vos o meu pensa-
mento inteiro — não creio no sincero
desejo de morrer dos que, havendo-o
expressado, mormente em tão bellos
versos como os que acabo de citar, con-
tinuam a viver. Toda essa esperança
affigara-se-me então puramente litera-
ria. De tudo quanto o homem pode
desjar, prosperidade, riqueza, saúde,
amor, morte, é exactamente a morte a
única que está em suas mãos alcançar
imediatamente, sem favor dos deuses,
nem auxilio humano. Pois é exacta-
mente a unica que elle não tracta de
alcançar quasi nunca. A morte tem o
que quer que seja de bom, mas o hom-
em ha de preferir-lhe sempre a vida,
até vêr. Tanto assim que na esperança
que possuímos de ser eternos no outro
mundo entra talvez por muito o des-
espero de o não sermos neste.

Todas as nossas lamentações, neste
assumpto, vêm ter afinal os fabula da
Morte e o Lethador, do bom Laton-
taine, — philosopho para crianças, que
attribue aos animaes tantos dictos sen-
satos, para o qual nossas mães nos
levam à força em pequeninos, ao qual
voltamos de todo proprio quando velhos,
e cuja philosophia é talvez a unica ao
alcance do homem e a qual me parece
que vos proprio começaes a regressar.
E a prova é que vos vemos ali, vivo,
perfeitamente vivo, graças a Deus, e
até immortal, immortal como todos
aqui o somos; não vos garantio, mais
do que isto. Durante essa mutua im-
mortalidade, esforçar-nos-emos por vos
tornar a vida smavel, para que pos-
saes escrever por muito tempo ainda
bellos versos acerca da morte; e haveis
de vér que esta vida tem momentos
bons, como por exemplo este, em que
sinto verdadeiro jubilo, garanto-vos,
em prestar publica homenagem, inda
que contradictando-o um pouco, a
um homem de grande talento e bello
caracter.

Quando suhe que tinha de res-
ponder-vos, senhor, confesso-vos que espe-
rei com impaciencia a communicação
de vnsso discurso. Afigurava-se-me que
devia ser para vos occasião d'um mani-
festo definitivo, d'um estudo que não
podia deixar de ser interessante, fossem
quaes fossem as vossas conclusões
acerca do estado da poesia em França,
desde 1830. Não julgastes dever fazer
semelhante estudo. Nem palavra de
Lamartine nem de Musset! Só eu, e
todos os que nos escutam, nos lembrá-
mos d'elles. Aliás, cumpre-me evitar
vos immediatamente, — para vos evitar
qualquer equívoco inutil em vossas
futuras conversas com os vossos novos
collegas, — que na Academia continua-
mos a admirar apaixonadamente um
d'elles e a amar doadamente o outro.
Recordações, hábitos da mocidade, sem
duvida! Fizestes apoaos allusões ao
Moyses de Alfredo de Vigny e a um de
seus pensamentos. E é tudo quanto
concedeis à eschola romantica; é pouco.
Quizera tambem vér-vos entrar em
algumas mioudencias acerca dos pro-
cessos da nova eschola de versificação

de que Victor Hugo foi e continuará a
ser o chefe, e de quo vós o continuá-
reis mais doctoralizado, ainda mais severo do
que elle, acerca das questões de cultura,
de corte dos versos, de suspensão de sen-
tido de um pars outro, de rimas ricas ou
pobres, ou sem conato do apoio,
finalmente, acerca de todas as questões
de technica e de prosodin que levntam
tanto rumor no Parnaso. Poderis
ter-nos dicto em que ficamos a respeito
do nosso velho Boileau, se contina a
ter razão, ou vosso conceito, como a
tem no meu, por exemplo, que contina
a entender, em materia de versifica-
ção que se pôde dizer tudo na forma
de que Malherbc, Regnier, Crève-
Racine, Molière se contotaram. Gosto
dos versos que vão aos pars certos,
como os bois ou os amantes, e cuíto
que os versos destinados a fixarem-se
na memoria dos homens são os con-
struidos d'esse modo, o que encerram
ums bella idéia ou uma bella imagem
num verso cuja estrutura Boileau
approvaria.

(Continúa)

A FESTA DAS LAGRYMAS.

A JOAQUIM NABUCCO

As ressonas onnos abre-se-lhe a porta
Do carcere sombrio e miseravel,
E elle vem, — outro justo que supporta
I cruz negra da infamia, tropeçando: —
Pellegro, entrecado e humilde, entorta
O dorso ainda a mais, p'ra terra olhando
Atlante da miseria, sente aos hombros
O peço ingente, e a terra ondear por sobre.

Em vez de coo, de cima escuta o rouco
Do latega a curello a mais pelo eito;
Em vez da trilha facil, pé-o o tronco,
Que o andar trapgo e tímido tem feito;
Em vez do espaço franco, o pulso bronco
A aspiração retraihe-lhe e assusta o peito;
Prezo ao chão, Prometheo, move-se a custo,
Debate-se no leito de Procasto.

Quindo aclamação do Poco, a medo,
E vindo com pavor a extranha cohorte;
P'ra livre ser julgando que inda cedeo,
— Pois eré que a — Liberdade traz a morte.
Não quer deixar seu intimo degredo,
Embora o Poco enthusiamado o exhorte;
Das aces negras retomando o exemplo,
Da Escarvado sinistra volta ao templo.

Ali deixou a luz do morto cyrio
Junto ao registo, de seo leito a beira;
Os instrumentos negros do martyrio,
Sua tunica esquadra e agoureira:
D'ali ninguém espera mais que tire-o,
Pois que na sombra vé sua careira:
P'ra todas olha, tetubando pausa,
Que até o azul do ceo horror lhe crusa?

Recua, ouvindo u voz do Poco, fora,
Da Liberdade os hymnos repetido;
Pensa que comban d'elle como outrora,
E o canto alegre chega-lhe rugido;
Recioso e esparcido, ri-se, chora
Imbecilmente, eendo todos rindo...
Aquillo tudo cuida que é mentira;
E, pobre idiota, a soluçar delira.

Vem festivo e contente a mocidade
Offerrecer-lhe o balsamo das dores,
E diz-lhe tudo aquillo ser verdade:
Que não ha para os velhos mais senhores;
E quando, com gazil fraternidade,
O abraça e o chão alastra-lhe de flores,
De joelhos une ao peito as flores soltas,
E lhas dá outra vez em pranto encoltas.

A luz da Imprensa esbarra-lhe na frente
E irradia; e elle diz: — Eu não começo
A grande luz, se bem que ella me aponte
Ubm caminho e mostre-me o tropeço;
Porem qual po lo ser meo horizonte,
Sendo da vida o fim o meu começo?
Se assim quereis me desviar do pegu,
Eu não fico obrigada como um rego.

Onde irai eu, a misera e covarde,
Encontrar quem me dê gratos albrgo.
Eu, que não faço e venturoso alarde
Dejar no mundo aprax um amigo?...
Ja não tenho esperança, é muito tarde,
Lou talvez de; ralar-me se vos sigo:
E' tempo de dormir, e'na caçula,
Tenho o corpo miseravel e coado.

Faltom-me as forças para que me affaste
A transpor os limites do deserto;
As carnes arrancam-me o aspero agulê,
E dor o coração, no escuro encêrro.
Avalho frio e lugubre da noite,
Irei posar por vós como um morto;
E qual outro podera ser meo par,
Morro por dentro e já por fora morto.

Onde irai, cambaleando pela estrada,
Tanta de medo e tanto de rubor;
Levando por bastiao a toca escura,
E os pés descalços, de que o mundo ri-se
Sem ter coo, sem ter alma, sem ter nada,
O que diria aquelle que me visse?
A que morte irai, que de horror nos parma?
Tumulo que anda, lucido fantasma!

O que é viver? O ludo e a abismo vive,
I serpente — arrastado-se; arraste-me:
Tenho da dor a vida que recive,
E a chamma riva: onde a dor se queime:
Ace do fogo, sempre em roda vive
O inferno, antes do inferno, em que abraço me...
Por que indetão noite abri-me a porta,
Se trago n'alma a mocidade morta?

Memo quando o ar é lieve, eu, desgraçada,
Morte que vive dentro da materia,
Passa nas festas a chorar, calado,
Pois nem gemer deixava-me a miseria:
Ninguém avia-me, e andei crucificado
Pelos arcaes ardentes da Siberia,
Na camisa mortuaria, a cada instante,
Verme, sentindo as dores de um gigante!

Tenho la dentro a tumulo da esposa,
Que ao tronco ni morrer, sangrenta e nua;
Tenho lá dentro o filho que repousa,
Jogado a ceca como um cão da rua;
Tenho lá dentro de meo pas a lousa
Entre as dos bois possantes da charrua;
Tenho la dentro tudo quanto tenho:
Meo ninho d'alma, meo sagrado lenho.

Ide vós, mas que fostes os felizes,
Vae vivastes dos males esquecidos;
De meos filhos curas as cicatrizes,
F lá, do ceo, sereis agradecido:
Ouri ou obrigdo os meus juizes
D'esta Judia a ouvir em gemido;
Que não tenham como eu a mesma sorte:
Morri no rida p'ra viver no crime!

A dor profunda, o pranto, e os plangente
Excitam mais o contristado Poco,
Que torna ainda enthusiamadamente
A querel-o tirar do abymn cor;
E cada vez, em multidão crescente,
Chega-se a elle, fala-lhe de nove;
Guia-lhe os passos, he estremece o hombro,
E pede-lhe com lagrymas e avombro:

— Olha a plebe inencrel, que trabalha
Para o jugo arrancar do alto dorso;
Hydra, que no holocausto inda estrepante
I tyrania, e cresce com refre;
Que tensas liras ao menos a mortalha,
E isto, talvez, nos tirre do remorso;
Tambem não acordamos muito tarde!
— Inda és capicco, somos um covarde! —

Agradecendo o estridulo enthusiasmo
Do Poco que o sonda, frouxos passos
Encaminha p'ra luz: seu marasmo
Detem —; está cansado dos fracassos
Da escarvado cruel; perplexo e pasmo,
Parecendo abençoar, levanta as braços,
Morri, suspira, chora, e na locutura,
— Caes deslumbrado e pede a sepultura!

J. DE MORTES SILVA.

Quando se vos apresentar um dever
— canprío e cegamente; não o discutaes:
— se o discutirdes encontrarais
sohejas razões para o não cumprirdes.

Cl. de la Harvat.

PLAGIOS E PLAGIARIOS

Em o n. 121 d'A Semana publicamos uma pagina do segundo volume, inédito, do *Subsidios Literarios* do Sr. Guillelme Bellegarde, na qual demonstra o illustrado bibliophilo que o celebre soneto de Raymundo Corrêa *As pombas* não foi imitado dos versos de Gautier *Les colombes*. Esqueceu-se, no entanto, de que ha em outra obra do mesmo auctor uma passagem que a ignorancia ou malignos e a malignos ignorantes pôde dar enchanças a accusar de plagio o nosso grande poeta.

Refiro-me á famosa *Mlle. de Maupin*. Eis o que se lê na pagina 62: « Si tu viens trop tard, ô mou idéal, je n'aurai plus la force de t'aimer: — mon âme est comme un colombier tout plein de colombes. A toute heure du jour, il s'en envolte quelque désir. Les colombes reviennent au colombier, mais les desirs ne reviennent point au cœur. »

Leia-se agora o formosissimo soneto de Raymundo:

«AS POMBAS

Vae-se a primeira pomba despertada...
Tae-se outra mais... mais outra... emfim dezesseis

Da pombas vão-se dos pombaes, apenas
Rala, sanguinea e fresca a madrugada.

É á tarde, quando a rigida norteada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruñando as azas, sacudiado es pennas,
Voltam todas em bando e em rovoada...

Tambem dos corações onde abotvem,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia es zes soltam,
Fogem... mas eos pombaes espombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

Realmente, os superficiaes, os que lêem sem digerir e sem assimilar, os incapazes de penetrar além das letras e de desortiar outro horizonte além do da pagina do livro em que se recheiam inutilmente de erudição, esses, deante n confrontação do trecho de prosa franceza com os ultimos tercetos do soneto em questão, têm de que se assanhar e de que vir n publico trombetar accusações delirantes contra o primoroso poeta das *Symphonias*. Ora, infelizmente, a maioria do publico que lê acompanharia esses Colombos de suppostos crimes litterarios; o que seria perfeitamente natural. Existem ali as apparencias comprometedoras do que erradamente o vulgo, acompanhando a referida casta de criticos, considera — plagio, furto litterario; e se estes, que têm o dever de entender d'esse ariscado, que têm por si a presumpção da competencia para julgar em taes pleitos, gritassem: « — E' um plagio! Raymundo Corrêa é um plagiario! Abaixo do altar! Cubramol-o de ignominia e de esquecimento! » teria o publico razão para repetir esses feroces gritos de guerra e ficar considerando-o um gatuno litterario.

Convém, portanto: I destruir essa balela frivola, provando que não é aquillo um plagio; II provar que entre os maiores escriptores do mundo, entre aquellas que a Gloria immortalizou, poucos são os que não mereceram as péchas de imitação, paraphrase, plagio e furto — furto escandaloso e descarado; III pôr a limpo, determinar definitivamente, irrefutavelmente, aquillo que constitue a originalidade, a verdadeira originalidade litteraria e

artística; IV deixar, de uma vez por todas, demostrado que Raymundo Corrêa é um dos nossos poetas de maior originalidade e de individualidade mais independente e caracteristica.

1

Comecemos definindo o que seja plagio;

Vappereau, no seu «Dictionario das Litteraturas», define o plagio « a appropriação, não do pensamento de outrem, mas da forma que o reveste, em uma obra litteraria ou artistica. » E, desenvolvendo essa definição, acrescenta: « Ea se refermaat dans le domaine des lettres, il faut séparer du plagiat l'emprunt, l'imitation, la similitude d'idées, la reminiscence, tout ce qui, enfin, peut se produire de pareil ou d'identique dans les écrits de deux auteurs, soit par une rencontre fortuite et à l'insu de celui qui vient le second, soit d'une manière avouée et sans aucune intention de fraude. »

Não é plagio, portanto, na auctorizada opinião de Vappereau, a adaptação, a imitação, a semelhança de idéias, a reminiscência, a appropriação meramente da idéia.

« Os pensamentos isolados — diz ainda o illustre critico — bem que com cunho pessoal, podem ser novamente utilizados, sem que seja iseo plagio. »

« Il y a des gens, diz Pascal, qui voudraient qu'un auteur ne parlât jamais des choses dont les autres ont parlé... Mais si les matières qu'il traite ne sont pas nouvelles, la disposition en est nouvelle. Quand on joue à la paume c'est une même balle dont jouent l'un et l'autre, mais l'un la place mieux. »

E' frivola, sobre injusta, a accusação de plagio, portanto, onde se apropriou idéia, pensamento, opinião, ou simples imagem de outrem, daado-se-lhe forma differente, nova, marcada por um cunho original.

Charles Nodier define o plagio propriamente dicto: « a acção de tirar de um auctor (particularmente moderno e nacional, o que agrava o delicto) o fundo de uma obra de invejação, o desenvolvimento de uma noção nova ou ainda mal conhecida, a forma de um ou mais pensamentos; porque podem ganhar com uma forma nova; noções estabelecidas, que um novo e mais feliz desenvolvimento pôde esclarecer; obras cujo fundo pôde ser melhorado por uma forma nova; e fóra injustiça qualificar de plagio o que não é mais que mera ampliação ou melhoria util (1). »

« Os pensamentos isolados — afirma o primeiro dos auctores citados, — podem ser novamente utilizados sem que seja isso plagiar. »

Sem duvida. De idéias, de pensamentos, de imagens, não ha ninguem que se possa reputar proprietario legitimo. Perteacem ao dominio vaetissimo da Intelligencia, onde a todos é licito colher e respigar á vontade, que uma geração de escriptores monda e semeia para a que tem de succeder-lhe. Pretencioso ridiculo é o escriptor que porventura acredita que alguma das cousas que escreve é original, é nova, nunca se erguera ao sol — como se abaixo d'este alguma novidade houvesse!

Originalidade existe, eim, e muitas vezes completa, absoluta; mas consistindo na maneira nova de dizer cousas velhas, remoçando-as; na diversa e não

usada forma de que se vestem; no modo de entendel-as e utilisal-as, muito outro dos anteriores. Original, emfim, é o escriptor que tem uma individualidade propria, um modo seu de se exprimir, de tractar as idéias, de enropear-as, de apresental-as; que tem um sinete só d'elle, com que marca as idéias de todo o mundo, para que, como unicamente d'elle d'eatão em deaate sejam tidas; o que tem, emfim, forma propria.

Ora, Raymundo Corrêa tem individualidade, tem esse modo, esse sinete, essa forma.

Rousseau, accusado de pilhagem, disse, defendendo-se bellamente, energeticamente: « Quem, possuido cerebro activo e pensante, haja uma vez sentido o delirio e a attracção do trabalho mental, não segue servilmente a traça de outrem para se prover de productos alheios, de preferencia aos de sua propria lavra. »

Precisemos ainda mais a questão, no sentido de provar que, concedido haver Raymundo Corrêa aproveitado a bella imagem do pombal, de Gautier, para o seu famoso e formoso soneto, não cometeu um plagio.

Continuemos a ouvir Nodier. (2) Diz elle, claramente: « O poeta, e especialmente o poeta dramatico, que se apodera de alheia idéia, engeahosa ou sublime, e que a veste com a sua linguagem, não é obrigado a citar. Ha, além disso, na applicação da linguagem elegante e medida da poesia a qualquer pensamento uma especie de merito proprio, que distingue o poeta do prosador. Emfim, esta especie de adaptação está consagrada pela opinião unanime dos criticos. »

Mais ainda, e ainda mais claro, se é possivel: « O terceiro genero de imitação ou plagio auctorizado é o que consiste em passar para verso o pensamento de um auctor nacional e mesmo contemporaneo que escreveu em prosa. » Exemplos: Coraëlle, na scena celebre da « Clemencia de Augusto », não fez mais do que rimar uma soberba pagina de Montaigne: *Divers évenemens de même conseil*; e d'esse mesma passagem, que, aliás, tambem Montaigne havia litteralmente copiado (3) tirou Voltaire as palavras celebres de Gusman, no desfecho de *Alzira*. A idéia e o sentimento e a maneira de tractar o assumpto das estrophes da *Ode á Fortuna*, de Rousseau, são tambem de uma passagem de Montaigne (cap. 2º do liv. 3º).

Se tudo isto ainda não basta lembrarei o que diz Larousse: (de cujo auxilio esta unica vez me sirvo, por ser decisivo no caso: « Plagiar um escriptor é roubar-lhe os pensamentos, sem lhes dar nenhum cunho pessoal. » Ou, por outras e mais longas palavras: Quem assella os seus ou alheios pensamentos com o cunho da sua individualidade litteraria não é um plagiario.

Ora, Raymundo Corrêa — dando de barato, por verdadeiro, que elle ao compor o soneto conhecesse, ou tivesse presente á memoria, a bella imagem de Gautier — fez com um pensamento que o proprio Gautier não podia garantir haver creado, que tem sido empregado, explorado, imitado, repetido por outros muitos escriptores — um soneto admiravel, originalissimo pelos encantos do verso, harmonioso, expressivo, singelo; originalissimo pela musica suave e melodiosa do rythmo; originalissimo, emfim, pela forma, que constitue a ver-

dadeira originalidade, e que em Raymundo não se parece nem se confunde com a de nenhum poeta, nosso ou de fóra. Tão original — esse soneto, accoimado do plagio, que tem sido imitado, plagiado uma, dez, cent vezes, aqui como em Portugal.

Quem é que já se lembrava d'esse pensamento de Gautier? E hoje quem ha que possa esquecer o soneto de Raymundo? E porque? Porque elle, com o poder do seu talento, com a força de sua poderosissima individualidade artistica, fez d'quelle limpida gota d'agua um largo, sereno e crystallino lago!

Compare-se, além d'isso, o pensamento fundamental do soneto, a sua intenção litteraria, com a simples imagem de Gautier, e ver-se-á que a differença é muito maior do que parece. Gautier diz ao seu ideal que venha depressa, porque, se elle se demorar, já elle, poeta, terá perdido a força de amal-o; porque a sua alma, cheia de desejos, é como um pombal cheio de pombas: a cada hora do dia vóu um desejo, mas as pombas voltam ao pombal e os desejos não lhe voltam ao coração. No soneto de Raymundo compara-se o coração, na mocidade, com um pombal; a partida e a volta das pombas são descriptas admiravel, originalissimamente: duas obras primas esses quartetos immortaes! Gautier falou em desejos; Raymundo diz: os sonhos que, na primeira estação da vida, partem:

« No azul da adolescencia as azas soltam »

idéia que não se encontra na passagem de Gautier. Este referio-se á perda dos desejos; Raymundo á perda dos sonhos, na juvenute. Não ha, então, differença, no pensamento de um e do outro poeta? Negal-o, agora, fora demasiada teimosia e má fé.

Isto, porem, pouco importa: Houvesse ou não o poeta brasileiro lido, apropriado o pensamento do poeta francez — o que era de seu direito — o seu soneto é original, é novo, é seu, unicamente seu; ao passo que a imagem de Gautier é tanto d'elle como dos poetas que o precederam e se lhe succederam.

Convém ainda — embora seja dispensavel — lembrar o que affirmam os auctores que citei: — que a appropriação, devida a inconsciente trabalho da memoria, não representa plagio; é muito commum o emprego de hemistichios e versos inteiros de poetas antigos ou contemporaneos. Virgilio, que foi um imitador de Homero, tem vereos, nas suas obras, de muitos poetas, inclusive Lucrecio: o mesmo fez Camões de muitas versos de Virgilio e outros poetas antigos.

E' commum, trivialissimo, o facto de se encontrarem os grandes espiritos; o que deu origem a conhecido proloquio francez.

Por tudo quanto deixei dicto, creio poder terminar a primeira parte d'este estudo: — ficou provado que o soneto *As pombas* não é um plagio feito a Th. Gautier.

Quem o affirmasse emmittiria uma balela impensada e frivola, aliás evidentemente propria a ter curao em boccas faccis ao detrahimento e á ceneura leviana, e esquivas ao merecido louvor, á irrecusavel justiça.

Esses arautos da maldade, consciente ou inconsciente, não reflectem, ao menos, que não basta pilhar algures um ligeiro pensamento, uma simples ima-

(1) Ch. Nodier. *Questions de litterature legale*. Paris, 1823.

(2) *Obr. cit.*

(3) *Essais*, liv. I. Cap. 23.

gem, para fazer um soneto *are perennis*, que se celebra em pouco tempo!

Se isso baetasse, Deus meu! seriam pequenas as bibliothecas para conter escriptores immortaes!

27-5-87.

VALENTIM MAGALHÃES.

MAIS UMA FILHA MORTA

Agucena em botão, eis-e creada De morte ao sópro violento e frio!... Quem do termo fatal, cruel, sombrio, Tão proxima te creta, ilha amada?...

No célsre tropéi da curte estreds Que vae de berço á morte... sem desvlo, Corteu-te da existencia o brnsão flo A dure sorte contra mim armada!...

Armada, sim, que de outras filbas caras A vida me tirou com a propria vida!... Mas me restavas tu!... E as prendas raras

De que tu'alma fol tísi guarids, Dom serlam do Céu, se me ficáras, Consoio de min'balma dolorida!...

Maio, 1887.

L. N.

GALERIA DE ORIGINAES

II

O ANTONICO DO PEDREGULHO

E' o bilontra de S. Christovão. Conhecem este animal? Pois se o não conhecem, proponho-me a ser o Lunnou da especie.

Assim pelas sete da noite hão de encontra-lo infallivelmente nns cercanias da imperial quinta, namorando a humanidade de saies.

Traja sempre á ultima moda; mas convem declarar que a ultima moda, no bairro de S. Christovão, é aquella que ha tres annos vigorou na rua do Ouvidor.

O Antonico é entusiasta do Faustino, o famoso bilontra do Arthur Azevedo, e faz exforços inauditos para imital-o em tudo e por tudo.

Deitou chapéu de fitas espantadas e em cada pé bico chinês, para que se moças do quartirão o tomsssem por inglez.

O pai do Antonico é padeiro, e como tal, nunca se descuidou dos pés de seus filhos.

Pães de trigo, porque no que diz respeito ao pão do espirito, só conseguiu faz-lo ler, escrever e contar.

Contar numeroa, porque contar lérias o Antonico não aprendeu com pessoa alguma.

Mesmo porque o emprego do Antonico reduz-se ao seguinte — almoçar, jentar, celiar e contar lérias.

A prova de que se dá muito bem com este regimen é que anda sempre jovial e satisfeito.

Todos nós temos tics e defeitos, portanto não é de admirar que o Antonico tambem os tenha.

Achaca-o a monomania do debique; gosta de debicar o genero humano.

O leitor me dirá que este ceatro pronuncia certas qualidades intellectnaes, isto é, que o sujeito dedo a destructer nos deve ser espirituoso e arguto.

Pois não ha tal.

O Antonico ignora mesmo que cousa seja espirito; e jámais, au grand jamais l teve a felicidade de emitir qualquer idéa que revellasse parentesco em quinto grão com algum conceito agudo ou engenhoso. E' besta por sangue e por educação.

Mas — que quer que lhe faça? — o homem está persuadido de que tem muita graça e faz della o uso que mais lhe couvem.

Quando um pobre mortal incorre na chacota e no escarainho do Antonico, está perdido; pôde mudar-se do Pedregulho porque ali não faz carreira.

Os boticarios, padeiros, compadres, comadres, taverneiros o logistas do quartirão apontam para o desgraçado com esta exclamação de dô: —

«Coitado...»

Foi debicado pelo Antonico!

Si Boileau morasse no Pedregulho havia de exultar, com a seguinte modificação, ao seu famoso verao:

Un sot trouve toujours cent plus sots qui l'admirent.

Mas como Boileau não mora no Pedregulho, nem em parte alguma, o nosao Antonico é quem exulta.

Mas eu pretendia tratar bem o Antonico, e creio que já o chamei de tolo. Queira desculpar, não foi por querer.

A monomania do debique não se limita, todavia, ao bairro em que mora.

Não tendo nada que fazer, o Antonico diverte-se escrevendo cartas anonymas aos deputados, senadores, ministros e homens importantes da situação. Tem o cuidado de franqueal-as, para que os destinatarios as não refuguem.

Nestae missiva, escriptas com orthographia phantastica, o Antonico procura debical-os o mais que pôde, e acaba infallivelmente por mandal-os a uma certa parte. Esta é a sua melhor pilheria — «*Sabe que mais? Vá... etc.*»

O açougueiro da esquina, quando elle lhe leu com gestos mysteriosos uma deestae cartas, rio-e-te tanto que o seu carão ficou da cor de um bofes de boi dependurados á porta.

Éo nosso Antonico sahio de casa do magarefo.

Front haut, pied leste et cœur joyeux!

Uma das magnificas partidas do nosso original, (no seu entender), é a troça que costuma fazer aos angustos representantes da nação.

Na hora daa sessões vai para as aguas-furtadas onde reside um amigo seu, exactamente defronte da porta de entrada dos deputados, na rua da Misericordia.

Agacha-se junto da janella e, assim que lobriga um representante da nação pelas costas, grita de lá em voz de falcete muito fina:

— Papagaio, dá cá o pé!

O deputado volta-se para o ponto de onde partio a voz, mas não vê ninguém, porque o Antonico já está accorrido no chão do aposento, rindo-se a escangalhar.

D'ahi a segunda volta á jaolla muito sizudo e disfarçando; mas si apparece outro deputado:

— Papagaio, dá cá o pé!

Isto ha muitos annos.

Até hoje ainda não descobrio outra troça politico-bilontrica, mes sómente: — Pnpagaio dá cá o pé!

Tambem soffre de outro fraco — o Antonico.

E' discutidor, rixento, é grulha.

Si lá por seus calculos elle entender que a Semana é sustentada pelo Dr. Luiz Delphino ou que o José do Patrocínio foi quem mandou assassinar o czar da Russia... acabou-se, não ha meio de convencer-o do contrario.

Na sua opinião todos os nossoa homens politicos e jornalistas são uns bilontras de forga.

O Antonico grita muito quando discute, irrita-se, congestiona-se.

Mas este ardor de polemica é inteiramente ficticio. Basta uma pouca de agua fria para apalcal-o. Quer isto dizer que o Antonico é poltrão ás direitas. Berra, esbraveja, gesticula, apostropna. Mas sio interlocutor se encrespa e respinga com certo energia aos seus desaforos, o Antonico vai lhe passando o braço em volta do pescoço e dizendo-lhe em meio tom amolado: —

— Oh! homem! Você é muito assomado! Zanga-se com qualquer cousa! Estamos conversando!

A's vezes, no mais forte calor de uma discussão, quando tem de dar a replica ao adversario, o Antonico interrompe-se bruscamente, pede licença nos circunstantes, sahe, e volta d'ahi a pouco, mais grulha e mais convencido do que nunca. Fóra beber um trago para molhar a palavra.

A isto chama elle — tomar carvão.

E' o terror e o ei Jesus das mucamas da rua de S. Luiz Gonzaga.

Seu Antonico é por aquellas bandas uma locução magica, nna especie de *sesamo* que abre os corações de todas as Lennores de carapinha empastada. Onde os senhores sentirem o cheiro de clita nngommele, extractos de Oriza e cebo da Hollanda, ahí é que o Antonico reina, governa e administra.

Mas tambem a leitora não deve ler este topico) mas tambem, leitor maligno, transforma-te pela imaginação em mncama da rua S. Luiz Gonzaga, e diz-me se poderias *arrestir* ás guias artisticamente enceradas d'aquelle bigodinho penlante e canalha...

A virtude é uma flor delicada que só viceja nas setnas da educação moral.

Não me consta que esta anstera dama jamais cogitasse de oppor-se a que a ponta dos bigodes do Antonico tocassa no coração das mulatas do Pedregulho.

O Antonico tem-se na conta de primeiro dançarino de S. Christovão e paizes adjacentes.

Não lhe roubemos esta illuên.

Na quadrilha é de uma suprema elegancia.

Flór ao peito, patinbas *pshutt*, sapatos de oleado com ourelas de oeda carnezim, caeleia de reluzente *plaque* e relógio em forma de lapizeira, *piatron* immaculado, sorriso nos labioe, *foim fraichement coupé* no lenço, impertigado e airoso, o Antonico deita medidas e nfferece o brnço ás damas como o faria um addido de primeira classe de embnizada franceza.

Faz um signrão, lá isso faz.

Tem sempre um bandão de cousas que dizer ás damas, no passeio do estylo depois das danças.

Que diabo dirá elle?

Eia aqui um ponto em que me confesso francamente admirador do Antonico.

Eu comprehendo que um mortal, accossado pelas conveniencias, cubra de beijos o seu mais fidalal inimigo, e enforque o seu melhor amigo; en comprehendo que um christão asja coagido pela força das cousas a assistir a uma conferencin sobre auxilios á lavoura ou sobre os meios de melhorar o nosso estado sanitario; não acabarei conaa inexplicavel o ver-me um dia envolvido em alguma discussão a respeito do poder pessoal, e até é possivel que seja obrigado a emitir opinião sobre n assumpto tão querido do nosso collega da *Patria*.

Mas não posso imaginar a triste fignra que faria, se os azares da vida me levassem a ter de confabular banalidade durante vinte minutos com uma senhora que não coheço, a quem nunca vi e á qual me não liga a mais ligeira relação social.

Sr. Antonico, permita que lhe tire o meu chapéu!

URBANO DUARTE.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Numerosas são as obras de litteratura juridica annualmente edictadas pela casa Garnier. Não ha muito ainda publicou «A Lei das Execuções» pelo advogado Conselheiro Almeida Oliveira e já entrega ao publico uma outra co-genera: «Processo das Execuções civeis, cmmerciaes e hypothecarias» pelo juiz de Direito Cassiano Candido Tavares Bastos, já vantajosamente reputado por outros trabalhos de jurisprudencia.

Contem este volume todas as disposições legislativas e regulamentares das execuções, inclusivé as da lei de 5 de Outubro de 1855 e respectivo regulamento (de 23 de Janeiro de 1856), a jurisprudencia dos tribunaes e opiniões de praxistas.

Excusado é mostrar a utilidade pratica d'esta obra. Se no systema adoptado pelo Conselheiro Almeida e Oliveira de indicar ao lado do textu a sua fonte legal se facilita a consulta leva-lhe inconcussa vantagem, por outro lado, o Sr. Dr. Tavares Bastos com o indice alphabetico com que fecha a obra, que é mais completa que a outra.

Recomendamo-la a todaa oe interessadoe e com especialidade aos Srs. advogados do nosso fóro.

Os Srs. Laemmert & C. acabam de edictar *As mentiras convencionaes da Ci-*

vilização, obra do Max Nordau, traduzida pelo Sr. Manoel Coelho da Rocha.

D'este livro — que vamos ler com a devida attenção e vivo interesse informam os edictores que se esgotaram na Allemanha, em seis semanas, tres grandes edições, nelahnd-se hoje na 15ª; tendo sido traduzida em grande numero de linguas. Na Austria, por estreita comprehensão d'esta obra e falsa interpretação de seus intentos, foi ella prohibida, por perigosa e attentatoria da tranquillidade publica.

E', portanto, um livro de agitação, energico, original.

Max Nordau estuda e desmascara as seguintes mentiras: a religiosa, a politica, a monarchica e aristocratica, a economica, a matrimonial, e diversas outras mentirinhas.

Quo ha de verdade neste livro das mentiras?

E' n que só poderemos dizer, após completa leitura.

Sahlo bntem do prelo o annuncio do novo livro de Rodrigo Octavio — *Poemas e Idyllios*.

Primeiras Rimas — Sob este titulo cheganoe de Prntgal um livro de versos do Sr. Manoel da Silva Trayer. São na ana maior parte bem trabalhadas as poesiae e têm merecimento, não só pela delicadeza com que o poeta sabe tractar os assumptos, como pela inspiração que lh'os augere.

Aa *Primeiras Rimas* são um livro digno de ler-se e possuem versos de incontestavel merito. Foi edictado pela empreza Litteraria e Typographica.

De egual procedencia rocebemos, firmado pelo Sr. Francisco Palma, um elegante livro de 203 paginas, intitulado *Scenas contemporaneas*. Contém este volume a *Estalua*, poema vibrante, escripto com muito humorieno e repassado de ironia.

Está impresso o *Perfil* de Camillo Castello Branco, devido á psnuu do padre Senna Freitas. Este livro não é mais do que a colleção completa dos artigos que, sobre aquelle illustre e fecundo escriptor, publicou o padre Senna Freitas no *Diario de Noticias* o anno passado.

O *Perfil* é vasoio em bellissima e correcta linguagem, e provaria, se não bastassem outros trabalhos do mesmo escriptor, a tempera de que é formada a individualidade litteraria do illustre publicista. Em appendice, vêm algumas cartas de Camillo, muito interessantes e muito honroas para o destinatario, que é o auctor do *Perfil*.

A.

A Mme. Ladislan Netto

SUR LA MORT DE SA CHARMANTE FILLE LEONOR NETTO

À vous mes pleurs, Madame, à vous, doués victime Des souffrances d'un tendre cœur!
Je gémiss sur vos maux, je descends dans l'abime De votre indictible douleur!

Oui, je pleure avec vous votre fille adorée, Cet ineffable objet d'un aussi grand amour, Une aube d'esperance à jamais effaode, Et qui nous promettest l'éclat d'un si beau jour!

Mais, pareille à l'oiseau dont la voix matinale Se tait quand l'air est attiédi, Leonor, elle aussi, colombe virginale, Se tait longtemps avant midi!!

Qu'est-elle donc trouée dans cette vie amère! Où le bonheur n'est pas, où tout espoir est vain...? Où sourient un plaisir, une joie éphémère Sont suivis d'amertume et de regrets sans fin!!

Peut-être avant le soir, en brillante existence Helas! se fut ternie un souffle du malheur; Peut-être avant le soir sa dernière esperance L'est laissée en chemin, seule avec la douleur.

Leonor ici-bas sui viciu solitaria;
Car son cœur n'aurait jamais trouvé de cœur pareil;
Fleur céleste, cueille un instant sur la terre,
Elle se flétrirait loin du Divin Soleil !...

Et vous pleurez toujours cette rose charmante!...
Y'est-elle donc pour vous qu'un amer souvenir?...
Qu'un regret du passé? Non! La foi consolante
Nous la montre dans l'Avenir!

Ne la cherchez donc plus dans la froide poussière!
Leonor au front pur, object et gracieux,
Sur les ailes de feu de l'ardente prière,
Comme l'enseus du temple est rennâtes aux Cieux!

UNE AMIE.

30 Mai—1887.

GAZETILHA MEDICA

Sinceramente amigos do triumpho das sciencias medico-cirurgicas no Brazil, não podemos deixar de complimentar os illustres clinicos, Drs. Pedro Alfonso e Barbosa Rounei pelo esplendido diagnostico e felicissimo resultado alcançado no exercicio da espinhosa e ingrata profissão que exercem.

Com effeito, apesar das opiniões de authoras europaeas abaladas de que a *hepatite supurada* é frequente nos países quentes, onde reina endemicamente, e força confessar que raras vezes nos apparece na clinica do Rio de Janeiro. Com o presente caso conhecemos mais dous: um em 1879, na 4ª enfermaria de medicina do Hospital da Misericordia, a cargo do distincto mestre, Conselheiro Torres Homem, que recorreu ao mesmo habil operador, Pedro Alfonso; outro na clinica civil de um medico novel, caso tambem visto e diagnosticado pelos Drs. Alexandre Calaza e Moreira Senna, em 1881.

Além da raridade talvez deva a difficuldade do diagnostico, o paciente affectado de um *abcesso do figado* acha-se na imminencia da morte, de que consegue arrebatado a intervenção cirurgica prompta, necessaria e precisa. Falau de accordo connosco, Murchison, Cameron, Murray e Martin.

A intervenção, porém, não pôde ter lugar se o clinico não for perspicaz e não tiver o timo bastante para reconhecer a affecção!

Louvoreis, portanto, aos dous habéis profissinaes, que se uniram e que com tanta proficiencia arrebataram mais um infeliz das garrras da morte.

A *Semana* sabe e costuma sempre fazer justiça a quem merece.

Este factio veio quebrar a monotonia que lavra no campo da medicina e da cirurgia do Brazil, onde só apparecem, no fim de cada anno, theses em profusão, algumas das quaes excellentes monographias, e onde surge ás vezes um ou outro jornal de existencia ephemera e passageira.

Hoje, d'este genero de publicações, apenas contam-se a *União medica* e o *Brasil medico*, que temos regularmente recebido, ricos de bons artigos e offerecendo leitura interessante.

O indifferentismo, a critica pretenciosa, o desanimo, a indolencia e até o egoismo desviam do campo da imprensa aquelles que nos podiam frequentemente offerecer o fructo da sua observação clinica, o resultado mesmo do seu longo e penoso trabalho de compilação, que é um magnifico auxilliar para o estudante e para o clinico que não tem muitas vezes tempo para compulсар obras collossaes.

No estrangeiro, onde os medicos são affaveis para qualquer trabalho que appareça de collega, todos se esforçam por escrever e espallhar a sciencia medica, pondo-a mesmo ao alcance de todos.

Vencendo esse desanimo e esse egoismo, o Sr. Dr. Luiz Faria, adjunto da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, deu á estampa um *Compendio de molestias cutaneas*, e teve a gentileza de offerecer-nos um exemplar.

Aproveitado e intelligente discipulo de Hebra, o habil especialista soube em boa e correcta linguagem organizar

um volume util, recheado na maior parte das ideias d'quelle distincto dermatologista, mas expõe tambem em muitos pontos de seu trabalho differentes affectões da pelle, que revelam estudo em mais de um author.

Abriudo-se a pagina 209 deparamos com o estudo dos *neoplasmas*, em que o lupus é tractado com toda a proficiencia e minuciosidade.

Como trabalho de estreita, mórmente sobre uma classe de molestias extensissima e em cujo estudo o espirito do medico perde-se e cansa-se muitas vezes, em cuja investigação o practico gasta muitos annos, tendo necessidade de uma applicação enorme para achar-lhe o valor, não podemos exigir mais do que este volume, que é um excellento resumo sobre as molestias da pelle.

Não dirigimos ao Sr. Dr. Luiz Faria senão palavras de animação e de louvores pelo seu esforço, desejando que não pare e que seja imitado por todos os seus collegas.

Agradecemos o exemplar que nos offereceu.

DR. SAHEN.

BELLAS ARTES

(REVISTA MENSAL)

O Sr. ministro do Imperio mandou sair para occasião oportuna o concurso de viagem que, neste anno, devia realizar-se na Academia de Bellas-Artes. E isto por uma razão sumamente importante, irrespondivel: falta de verba!

A falta de verba é a terrivel hydra, sempre supplicada pela rhetorica parlamentar e sempre resuscitada, que occasiona os grandes pesadellos ministeriaes. Uma vez despertada a hydra cessa tudo quanto a antiga musa canta. Ainda bem. Inoquo foi, e seria pueril se o explanasse, o nosso primeiro intento.

Desejamos folhear attentamente os relatorios do ministerio do Imperio, tomar a somma da verba votada para a Academia de Bellas-Artes, comparala com os gastos feitos por essa rheumatica instituição, esmiucar cifra por cifra em todas as despezas para, triumphantemente, mostrar a S. Ex., o Sr. ministro, que a meltonha hydra tinha a cabeça de papellão pintado. Hydra de theatro. Fingimentos e mais nada. Raciocinio de peso, pela intensidade de logica que em si contém, occurreu-nos em momento proprio. Qual o resultado que poderiamos obter desse penoso trabalho? Convenceriamos S. Ex. da falsidade da sua hydra? Conseguiríamos revogar o aviso? Não. Positivamente, não.

A muito custo, talvez, lançaríamos um protesto contra o supracitado aviso, demonstrando, em phrase pallida, diffusa e côxa, já se vê, quanto se tem feito, em semelhantes crises, a bem de privilegiados entes cahidos do céu por descuido. Mas empreza enganadora, seria esta porque—da penna cahiriam respingos sobre os sempre bemaventurados entes que Deus enviou ao mundo para eterno supplicio dos infelizes. Chama-se a isto *dispersere in loco*. Portanto, rendendo graças aos deuses de terem por mim zelado, impedinco-me o passo para o negro abysmo (estilo parlamentar, extra) aqui deixo estas rapidas linhas como prova de muita boa vontade em servir os Srs. concurrentes, e tambem como prova de grande entendimento das irrevogabilidades dos avisos ministeriaes. Desculpem-me a immoestia.

Assumpto facil e breve temos ao folhear o nosso caderno de notas.

Aqui, em primeiro lugar, no alto da pagina, estão especificados tres pratos decorativos, representando fructas, expostos na casa Veitas. Diz a nota: u. 1 e 2—mangas, as saborosas mangas que, na opinião de Alencar, tanto influiam para adocicar a pronunciação brazileira: são de um amarello quente, banbado de rubro. Colhidas ao tempo. Bem sazoadas. Figos, bellos figos, ovoides, appetitosos, de uma côr escura, descendo para a côr do vinho tinto Açor. Um cacho de cocos de tuacns, parecidos ns forma e no colorido

com as uvae pretas do Douro, magnificos pelo sabor. Roscos jambos, aveludados peçcos, corados de carmin, macios, arachis, pitangas de gommos escurilatos, o um manão aberto ao meio em talhada, fructo insosso ao paladar delicado, corer querido dos pequenos passaros cstrtores. N.3.—um pratinho do bacconrat côr de leite, sobre moldura de seda vermelha o ouro. Um punhado de frescos mornigos entre folhas, colhidos, sem duvida, de madrugada, aos primeiros bafejos da viração matutina.

Esses tres pratos foram pintados por Estevão da Silva, um artista que tem demonstrado verdadeira paixão por esse genero. Ninguém como elle, actualmente, nos apresenta fructos tão bem pintados. Pintal-os assim, é difficil; pintal-os melhor é impossivel. Nas fructas, nada mais se pode desejar, mas onde o artista podia emendar-se é nas sombras. As sombras projectadas carregam muito o conjuncto.

Na *Glacé E'rigante* o Sr. Antunes expõe um crayon digno de nota—retrato do Sr. Octaviano Hudson; e na Casa de Wilde do Sr. Firmino Monteiro, recém-chegado da Europa, expoz uma importante tela—«Galileo perante a Inquisição». Falaremos desse quadro quando o artista realizar a exposição dos seus ultimos trabalhos.

Para concluir participo aos meus leitores (pios e numerosos) que o nosso sympathico Belmiro está concluindo um quadro, um magnifico quadro.

E preciso notar: o quadro de Belmiro não é historico. Felizments.

ALFREDO PALHETA.

A VIDA ALEGRE

CONGRESSO DOS SOCIALISTAS

Um grupo de entusiasticos membros d'esta associação tomou a iniciativa de um baile que teve lugar no ultimo sabbado, com a animação e concurrencia a que de ha muito nos habituou a sympathica sociedade.

Dancou-se o folgou-se até ao amanhecer; para isso muito concorreram o empenho e a gentileza da digna directoria e da commissão iniciadora, as quaes não pouparam amabilidades para com os seus socios e convidados.

PONSARDIN.

SPORT

Muito boas as corridas do Prado de Villa Izabel no domingo passado. A concurrencia foi extraordinaria.

Eis o resultado dos pareos:

No 1º pareo (1000 metros) foi vencedor em 69 segundos *Rigoleto*, que, desde o pulo de partida, bateu os seus competidores. *Cantagallo*, que foi corrido de alcance, o seu jockey não calculou bem a corrida e prendeu a chegada em 2º lugar, devendo ganhar. *Guacho*, em 3º *Verbenne*, *Bolero* e *Ondina* não mereceram classificação. *Martha* e *Savana* não correram. O rateio foi de 438100.

No 2º pareo (1450 metros) *Talisman* fez boa corrida, vencendo os seus competidores em 96 segundos com alguma facilidade e desmostrando estar bem preparado. *Le Loup*, *Martin* e *Swamp* bateram-se bem durante o trajecto da corrida. *Martin* obteve o 2º lugar e *Le Loup* o 3º lugar. *Swamp* ainda não está em boas condições; chegado em ultimo lugar. O rateio foi de 418100.

No 3º pareo (1600 metros) *Intima* em 109 segundos, com muita facilidade venceu a *Americana* que fez pessima corrida. Este pareo nenhuma importancia teve, visto não ter sido disputado com animação, pela falta de animaes. *Mandarin* e *Rondello* não correram. O rateio foi de 118000.

No 4º pareo (1000 metros) *Esmeralda* facilmente venceu os seus adversarios que pouca resistencia fizeram, em 68 segundos. *Corcovado* em 2º lugar e *Juanita* em 3º lugar. *Archimedes*, *Sensitiva* e *Gazella* não correram. O rateio foi de 118700.

No 5º pareo (1600 metros) handicap—foi brillantemente vencedora a valente

Snylla que fez uma bonita corrida lutando com *Coupon* que nos primeiros metros conservava-se na frente colendo finalmente terreno a *Snylla* que bateu-o por differença soffrivel. *Coupon* chegou em 2º lugar e completamente esgotado, *Diva*, que partiu muito atrazado, chegou em 3º lugar fazendo boa corrida. *Dr. Jenner* e *Speciosa* ficaram distancados. O tempo d'esta corrida foi de 103 segundos. *Walter* não correu. O rateio deu 208200.

No 6º pareo (1450 metros) *Amazonas*, que foi bem montado, fez boa corrida, venceu lo os seus competidores em 96 segundos e contra a expectativa geral. *Daybreak*, que era o favorito, foi mal corri lo e por isso afrouxou, chegando em 3º lugar e batido por *Pamy* que teve o 2º lugar em boas condições. *Fire-Queen* durante a corrida derrubou o jockey que pouco soffreu da queda. *Odalisco* e *Queen* não correram. O rateio foi de 1148300.

No 7º pareo (1900 metros) foi vencedor *Druid* em 86 segundos, des le o pulo de partida. *Biscaia* em 2º lugar e *Aymoré* em 3º—*Mondego* e *Villa Nova* chegaram na bagagem juntamente com a *Cantagallo*.—*Baccarat II* não correu. O rateio foi de 68900.

Na melhor ordem e com muita regularidade terminaram as corridas nada deixando a desejar.

Com um convidativo programma realiza amanhã o Derby-Club uma importante corrida.

Eis os nossos palpites:

No 1º pareo — *Esmeralda*; no 2º *Armonde*; no 3º *Monitor*; no 4º *Amazonas*; no 5º *Boreas*; no 6º *Phrynia*— não corren lo — *Salvatus*; no 7º *Druid*; no 8º *Marengo*.

Queira Deus (o deus do Sport) que acerte nos mais uma vez.

L. M. BASTOS.

CLUB DE REGATAS CAJUENSE

Interessantissima a regata effectuada por este Club na tarde de 23 do corrente. Foi granle a concurrencia de pessoas, que ali foram atrahidas pelo variado programma e pela belleza do dia.

Eis os vencedores dos diversos pareos:

1.º—*Cajuense*; patrão, Fox.
2.º—*Guanabara*; patrão, o tenente Cavalheiro.
3.º—*Jupiter*; patrão, Short.
4.º—*Guanabara*; patrão, Cony.
5.º—*Nobre*; patrão, Silva Pinto.
6.º—*Alice*; patrão, Fox.
7.º—*Neptuno*; patrão, Paes.
8.º—*Humaythá*; patrão, o tenente Alvaro Graça.
10.—*Peruana*; patrão, o tenente T. Costa.

11.—*Alice*; patrão, Fox.
A regata, que tinha começado á 1 hora da tarde, foi sempre animadissima, terminando ás 5 horas.

Nossos parabens á digna directoria do Club pelo brillantissimo com que realioou tão util divertimento.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

No Sslão do Conservatorio de Musica realioou o professor Zavatara, com parte de seus discipulos, no sabbado, o concerto que estava annunciado. O programma constava de duas partes em treze trechos, que foram bem executados e muitos applaudidos.

Parabens ao digno professor pelo muito adiantamento de seus distinctos discipulos.

Esplendido o sarão-concerto realioado no sabbado, 21 do corrente, pela sympathica sociedade Congresso Brazileiro. O crescido numero de distinctas e gentis senhoras e de cavalheiros da mais fina sociedade fluminense dava um resleo deslumbrante nos vastos salões. O concerto, muito bem organizado, tendo começado ás 10 horas, finalioou ás 11, sempre com immensos applausos pela perfeita interpretação dada ás peças designadas no bello programa.

A parte dançante esteve animadissima e prolongou-se até ás 5 horas da manhã. A distinctissima directoria, que

é composta de moços de esmerada educação, foi incensável em obsequiar os seus convidados, com todas as delicadezas e amabilidades.

O Club do Engenho Velho annuncia para hoje o seu 4.^o sarão-concerto, que, como todos os da distincta associação, deve ser brillantissimo.

Tambem para hoje prepara o Club Hobbe, de Niecheroy, uma das bellas partidas com que costuma obsequiar os seus socios e convidados. As gentilissimas senhoras que compoem a directoria do Club os nossos agradecimentos pelo seu amavel convite.

Em 6 do proximo mez tem de realisar-se, no theatro D. Pedro II, o concerto promovido por uma commissão de distinctos cavalheiros a favor das victimas dos ultimos terremotos na Italia.

E' organisador do programma d'esta grande festa de caridade o distincto virtuoso Sr. R. J. Kinsman Benjamin.

Por absoluta falta de espaço deixamos de noticiar em o nosso ultimo numero a realizção do 9.^o concerto promovido pela Sociedade de Quarteto do Rio de Janeiro.

Fazemol-o agora, juntando os nossos applausos aos da todos que assistiram á notavel festa, organizada com o carinho e cuidado que sempre notamos nos programmas da associação, executada com a distincção e arte a que nos habituaram os distinctos virtuosos que compoem a util e promettedora Sociedade de Quarteto.

Nossos ombros, pois, por mnie este triumpho conquistado para os annos artisticos do Rio de Janeiro.

Devia ter-se effectuado, hontem, no Imperial Conservatorio da Musica, o concerto de Gregorio do Couto. Duramos circumstancia da noticia no proximo numero d'esta folha.

LOGNON.

THEATROS

Nada de novo pelos nossos palcos: O Recreio Dramatico suspendeu as representações da *Francillon* e em, *reprise*, levon hontem á scena a *Martyr*, o famoso drama de d'Ennery e Tarbé, que, como na primitiva, continuará a dar excellentes receitas á empresa Dias Braga, o Lucinda tem regorgitado de espectadores com o celebre *Gallo de Ouro* e a Phenix Dramatica continúa a fazer milagres com o *Milagro da Nossa Senhora da Penha*.

E por falar na Phenix: Faz beneficio neste theatro no dia 8 do Junho, com um bello espectaculo, o distincto e presado actor Galvão. Na terça-feira ha uma excellente festa no Recreio Dramatico: faz beneficio a sympathica artista Rafaela Montero.

P. TALMA.

FACTOS E NOTICIAS

O Gremio Litterario Victor Hugo, composto de estudantes do Collegio Pujol, effectuou a 22 do corrente uma sessão magna, em commemoração ao 2.^o anniversario da morte de Victor Hugo.

Fez o discurso official o illustrado medico Dr. Oliveira Bueno, seguindo-se-lhe na tribuna varios alumnos d'aquelle collegio, entre os quaes o menino Octavio Durão, que recitou um soneto do director d'esta folha.

Occuparam ainda a tribuna os professores Rego Soares, Faria Tavares e Alfredo Pujol.

Distribuiu-se um numero especial da *Novena e tres* e terminou o solemnidade com a execução da *Marsellesa*, pelos alumnos do referido collegio.

Uma festa que honra aquelle collegio,

pois é uma prova de que se não descaida nelle a educação litteraria dos alumnos.

Chegaram nnto-hontem e estão á venda na livraria Garnier as duas grandes novidades litterarias de Portugal: — *A Reliquia*, de Eça de Queiroz, e *Jonh Bull*, de Ramalho Ortigão. Doia primores.

Ha alguns dias foi o Dr. Ladisláu Netto, o illustre director do Museu Nacional e cavalheiro estimabilissimo, ferido no mais fundo de seu coração pela perda de sua talentosa e gentilissima filha Leonor, que falleceu em S. João d'El-Rey, victima de terrivel tuberculoso, contra a qual nada poude a sciencia medica, representada por homens da estatura do Dr. Barata Ribeiro.

Como sincera manifestação do nosso pezar e do grande apreço em que temos o Dr. Ladisláu Netto, publicamos hoje uns lindos e sentidos versos, dirigidos em francez á sua Exma. esposa, e um bello soneto em que eolnça, estrangulado de dor, um coração de pae. Nossos pezames.

ANAGRAMMA POETICO

OFFERECIDO Á REDACÇÃO D'«A SEMANA»

G O nçalves Dias.
Ca S O tro Alves.

Casi M iro de Abreu.
Alvar a de Azevedo.
Gonça ves Crespo.
Luiz Delp ino.

lavo Bilac.
ayunundo Corréa.
Alb rto de Oliveirn.
Franci S co Octaviano.

Theo hilo Dias.
Affons Celso Junior.
Fagund s Yarella.
Adelino Fon oura.
V lentim Magalhães.
L. Guimarães S Junior.

Al erto Silva.
Luiz Mu at.
Filiuto de lmeida.

E N equiel Freire.
Luc o de Mendonça.
A frado de Souza.
Mora s Silva.
Rodr go Octavio.
Hen rique de Magalhães.
S ares de Souza Junior.
Alcibiade S Furtado.

VICTOR HYLMO

Maio — 1887.

CORREIO

— Sr. Walter. Não gostei nada, mesmo nada, do seu soneto. Que diabo é *flor perfumosa*, phrase que o Sr. empregou no eegundo verso? Não sabe? pois sei eu: é tolice.

— Sr. Delino Felix. Não posso servir-lhe no que me pede. Enquanto ao seu *De ponto em branco*... ponto final.

— Sr. R. A. M. Macio parece o Sr. parn apanhar o que lhe não pertence. Ainda se o Sr. pura fazer o seu soneto passasse o gatazio em versos alheios, mas os reapitasse, muito bem; mas furtal-os e ainda por cima quebrar-lhea a cara e os pés, por-lhes ferraduras, aleijal-os, enfim, é o cumulo da audacia e da maldade. O seu soneto é todo feito com versos de certo poeta: mas assim mesmo, errado, que é um louvar a Deus de gatas...

— Sr. Demosthenes... das dnzias; o seu acrostico não vale uma restea de albos... aos ninos.

— Sr. G. P. S. A sua poesia é... um rosario de versos capengas. Veja se aprende a metrificar, e, então, quando aouber fazer couaa com limpeza, appareça-noa.

— Sr. Alvaraz de Azevedo Sobrinho. Pede-me vossa mercê que declare não me ter referido á sua pessoa quando, nesta secção, respondi a um tal Sr. A. de A. Sobrinho, (o qual nunca vi mais gorlo) que ma enviou uns versos deploravos. Com todo o prazer.

— Leitores e leitoras: Declaro aqui, alto a bom som, que o tal A. de A. Sobrinho e de gloriosa memoria, a que allu li ha tempos nesta secção, nunca foi, não é nem será em tempo algum o Sr. Manoel Alvares de Azevedo Sobrinho, pessoa inoffensiva, incapaz de injuriar Appollo ou brandir arma homicida contra a inerme grammatica.

Que este Sr., ao que parece, é respeitador do Cornja como poucos, e se commette versos, commete-os dos bons, d'aquelles de encher o papel todo, como os requeria nquelle capitão-mór da Morgadinha.

— Esta Sastifeito, Sr. Sobrinho?

— Sr. F. Muniz. Vai aqui meamo o seu sonetinho:

MINHA MÃE

Um bello maternal é uma aurora sancta.

V. MAOALHÃES.

Minha mãe, teu sancto amor,
Suave e doce ambrosia,—
Borrifou minh'alma em flor
Com os orvalhos da alegria.

Teu amor foi o arrebol
Da minha crença perdida;
Foi o vivo, ardente sol,
Que me deu alento e vida.

Ouve, pois, o mãe querida.
A ternura mel-feni-la
D'esse amor—doce fragrancia,

Quebrantou a lucta immensa
Que travei com a dascrença.
— Sullario da minha infancia.

Julho de 84.

FIRMINO MENIZ.

Disto, não faz um pae por nm filho.
seu Moniz.

— Sr. Damido d'Arcos.
O seu soneto irá... irá... irá para... Não se assuste; irá para a Collaboração, quando tiver deitua o Laet.

— Sr. F. F. O seu artigo *Duas borboletas*, não é incurrreto mas é affectado. Dennis o assumpto é fraquinho e pouco interessa. Em todo caso se fosse menos longo, talvez... talvez...

— Sr. Job. Vossa mercê é mesmo nm Job... de molstia. D'esta couza vossa mercê, meu amiguinho, é pauperrimo. A sua poesia se tem do notavel e ser curta, pois, é apenas uma oitava; e é por isso que se lhe dá um caatinho na Collaboração.

ENRICO.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sa, especalista de syphilis e molstias das crianças.— Rua Primeiro de Março, 112 (consultas de 11/2 ás 3 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

Dr. André Itangol.— C. Rua da Quitanda n. 92. R. Rua do Cosmo Velho n. 1 B.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Roario—Barbacena.

A venda na livraria Garnier, Rua do Ouvidor n. 71

A RELIQUIA

DE

EÇA DE QUEIROZ

UM NITIDO VOLUME DE 144 PAGINAS

RAMALHO ORTIGÃO

JONH BULL

depoimento de uma testemunha acerca de alguns aspectos da vida e da civilização ingleza. Um nitido volume de 270 paginas.

LIVRARIA DO POVO

RUA DE S. JOSÉ N. 65 E 67

CASA DAS QUATRO PORTAS

Este estabelecimento tem sempre enorme quantidade de livros sobre sciencias, artes, industrias, litteratura, etc. Especialidade em romaaes dos mais afamados autores nacionaes e estrangeiros.

PREÇOS RESUMIDISSIMOS

Casa de 4 portas 65 e 67 RUA DE S. JOSÉ 65 e 67 Casa de 4 portas

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-crophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

FABRICA PEROLA

(Torrefacção de café)

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 33, e nas principaes casas de molbados e confeitarias.

CAMPOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIARIAMENTE 10R

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA TERCEIRA CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 29 DE MAIO DE 1887

Ao meio-dia em ponto

1º pareo — A's 12 horas — **Initium** — 1000 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Berenice.....	Alazão....	2 ans	R. de Jane..	48 kil.	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Corcovado.....	Castanho..	2 »	Idem.....	47 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
3	Esmeralda.....	Idem.....	2 »	S. Paulo..	48 »	Ouro, mang. e boné azul.....	Coud. Alliança.

2º pareo — A's 12 3/4 horas — **Extra** — 1000 metros — Animaes estrangeiros até 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Indio.....	Castanho..	2 ans	R. da Prata	47 kil.	Azul e branco.....	T. J. C.
2	Visière.....	Alazão....	2 »	França....	46 »	Azul e pulha.....	Joaquim P. de Castro.
3	Ormonde.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	47 »	Perola e grénat.....	A. Vianna.
4	Gentleman.....	Castanho..	2 »	Inglterra..	47 »	Encarnado e azul.....	Coud. Brasileira.

3º pareo — A's 1 1/2 horn — **Excelsior** — 1600 metros — Animaes do paiz até 3 annos — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	Castanho..	3 ans	S. Paulo..	57 kil.	Azul, branco encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Odalisca.....	Pampa....	3 »	Idem.....	53 »	Verde, branco e enc.....	Coud. Excelsior.
3	Rondello.....	Douradillo	3 »	Idem.....	49 »	Azul e grénat.....	Lazaro & Lima.
4	Dandy.....	Vermelho..	3 »	Idem.....	53 »	Ouro e verde.....	F. Vianna.

4º pareo — A's 2 1/4 horas — **Lomgruber** — 1450 metros — Animaes estrangeiros até 3 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Olinda.....	Zaino.....	3 ans	Inglterra..	47 kil.	Grénat e ouro.....	Coud. Carioca.
2	Daybreak.....	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
3	Amazonae.....	Castanho..	3 »	Idem.....	49 »	Azul e amarello.....	L. & C.
4	Pancy.....	Zaino.....	3 »	R. da Prata	49 »	Encarnado e ouro.....	V. M.
5	Babylonia.....	Castanho..	3 »	França....	47 »	Havana o ouro.....	J. R.
6	Gabier.....	Alazão....	3 »	Idem.....	49 »	Grénat e rosa.....	S. M.
7	Phénicia.....	Idem.....	3 »	Inglterra..	51 »	Encarnado e azul.....	Coud. Brasileira.
8	Perte.....	Zaino.....	3 »	França....	47 »	Branco e encarnado.....	O. Junior & Lopes.

5º pareo — A's 3 horas — **Derby-Club** — 1750 metros — Animaes do paiz — Premios: 1:000\$ no primeiro 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Sybila.....	Zaino.....	4 ans	S. Paulo..	50 kil.	Azul, branco e enc.....	Coud. Cruzeiro.
2	Regina.....	Douradillo	4 »	Idem.....	50 »	Azul e grénat.....	Coud. Paraizo.
3	Macarão.....	Alazão....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	Boreas.....	Castanho..	5 »	Idem.....	56 »	Encarnado e preto.....	Coud. R. de Janeiro.
5	Diva.....	Alazão....	4 »	R. de Jane..	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

6º pareo — A's 3 3/4 horas — **Progresso** (Handicap) — 1600 metros — Animaes nacionaes de meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Condor.....	Castanho..	3 ans	S. Paulo..	43 kil.	Azul, branco e enc.....	Coud. Cruzeiro.
2	Vampa.....	Zaino.....	4 »	Rio Grande	51 »	Azul e grénat.....	Idem Paraizo.
3	Villa-Nova.....	Idem.....	4 »	Paraná... 48 »		Azul branco e amarello.....	Idem Esperança.
4	Onhina.....	Tordillo..	3 »	S. Paulo.. 45 »		Azul e amarello.....	J. M. da Rocha.
5	Biscain.....	Alazão....	4 »	Idem..... 50 »		Azul e grénat.....	Coud. Santa Cruz.
6	Druid.....	Tordillo..	4 »	R. de Jane.. 61 »		Encarnado e branco.....	Oliveira J. & Lopes.

7º pareo — A's 4 1/2 horas — **Rio de Janeiro** (Handicap) — 1750 metros — Animaes de qualquer paiz — Premios: 1:500\$ no primeiro 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro

1	Salvatus.....	Alazão....	4 ans	França....	55 kil.	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Satan.....	Castanho..	4 »	Idem..... 54 »		Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
3	Charibdes.....	Idem.....	4 »	Inglterra.. 52 »		Preto e encarnado.....	Coud. Rio de Janeiro.
4	Phryna.....	Idem.....	5 »	Idem..... 60 »		Ouro e branco.....	Idem Fluminense.
5	Walter.....	Douradillo	4 »	Idem..... 46 »		Grénat e rosa.....	S. M.

8º pareo — A's 5 1/4 horas — **Seis de Março** — 1450 metros — Animaes do paiz, de meio sangue, que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro

1	Famalição.....	Castanho..	3 ans	R. de Jane..	49 kil.	Azul, amarello e branco.....	Coud. Esperança.
2	Mondego.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.. 52 »		Azul e amarello.....	Coud. Luzitann.
3	Aldace.....	Douradillo	4 »	Idem..... 50 »		Grénat e perola.....	J. Vaz.
4	Baccarat II.....	Gateado..	4 »	Idem..... 52 »		Azul e branco.....	F. J. C.
5	Urdinu.....	Tordillo..	3 »	Idem..... 47 »		Azul e amarello.....	José M. da Rocha.
6	Jenny.....	Vermelho..	4 »	Idem..... 50 »		Vermelho e boné preto.....	J. Lemoe.
7	Marengo.....	Idem.....	6 »	Idem..... 54 »		Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
8	Milon.....	Rosillo... 3 »		Paraná... 49 »		Azul e branco.....	S. V.
9	Saltarelle.....	Preto..... 6 »		Idem..... 54 »		Geranium e ouro.....	J. W.
10	Caporal.....	Alazão.... 4 »		S. Paulo.. 52 »		Grénat e boné branco.....	Coud. Integridade.

MARCOS DE MELLO, 2.º Secretario interino

OBSERVAÇÕES

Roga-se aos Srs. socios mandar substituir os seus cartões pelos distinctivos, sem os quaes não será permitida a entrada no dia da corrida.

O pessoal da poule deve comparecer na theouraria na vespera da corrida.

MATHEUS LAURIANO, 1º secretario.